



## O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS DA FAMÍLIA E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PÓS-PANDEMIA

Nathali Gabrielly Wermuth Artecuff

Susana Schneid Scherer

133

### RESUMO

A presente pesquisa foi delineada em a alfabetização no 3º ano do Ensino Fundamental: uma análise sobre desafios enfrentados pela família e estratégias pedagógicas pós-pandemia. O objetivou-se a apresentar os desafios enfrentados pela família e estratégias pedagógicas no processo de alfabetização pós-pandemia, no 3º ano do Ensino Fundamental. O trabalho desdobra-se em três pontos. Primeiro apresenta-se o cenário pandêmico e pós pandêmico. No segundo e terceiro pontos, analisam-se, a partir de dados levantados por meio da aplicação de questionários com as famílias de alunos de uma turma de 3º ano de uma escola da rede pública de ensino de Cascavel-PR, sobre a percepção da família no que se refere a alfabetização e os desafios enfrentados durante a pandemia, e as estratégias pedagógicas pós-pandemia. Reflete-se sobre a importância da mediação do professor e da escola como instituição de ensino no processo de ensino aprendizagem, especialmente, do aluno em fase de alfabetização.

### Palavras-Chave

Alfabetização; Pós-pandemia; Estratégias pedagógicas; Mediação do Professor; Família.

## EL PROCESO DE ALFABETIZACIÓN EN EL 3ER AÑO DE PRIMARIA: UN ANÁLISIS DE LOS DESAFÍOS FAMILIARES Y LAS ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS POST-PANDEMIA

### RESUMEN

*La presente investigación se esbozó en la alfabetización en el 3er año de las escuelas primarias: un análisis de los desafíos enfrentados por la familia y las estrategias pedagógicas post-pandémicas. El objetivo fue presentar los desafíos enfrentados por la familia y las estrategias pedagógicas en el proceso de alfabetización post pandémica, en el 3º año de la Enseñanza Fundamental. El trabajo se desarrolla en tres puntos. En primer lugar, se presenta el escenario pandémico y post-pandémico. En el segundo y tercer puntos, se analizan los datos recogidos a través de la aplicación de cuestionarios con las familias de los alumnos de una clase de 3º curso de una escuela pública de Cascavel-PR, sobre la percepción de la familia en relación a la alfabetización y los desafíos enfrentados durante la pandemia, y las estrategias pedagógicas post-pandémicas. Se reflexiona sobre la importancia de la mediación del profesor y de la escuela como institución educativa en el proceso de enseñanza-aprendizaje, especialmente para los alumnos en fase de alfabetización.*

**Palabras clave**

Alfabetización; Post-pandemia; Estrategias pedagógicas; Mediación docente; Familia.

## THE LITERACY PROCESS IN THE 3RD YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL: AN ANALYSIS OF FAMILY CHALLENGES AND POST-PANDEMIC PEDAGOGICAL STRATEGIES

134

**ABSTRACT**

*The present research was outlined in literacy in the 3rd year of elementary school: an analysis of challenges faced by the family and post-pandemic pedagogical strategies. The objective was to present the challenges faced by the family and pedagogical strategies in the post-pandemic literacy process, in the 3rd year of Elementary School. The work unfolds in three points. First, the pandemic and post-pandemic scenario is presented. In the second and third points, they analyze, based on data collected through the application of questionnaires with the families of students in a 3rd grade class of a public school in Cascavel-PR, about the family's perception regarding literacy and the challenges faced during the pandemic, and the post-pandemic pedagogical strategies. It reflects on the importance of the mediation of the teacher and the school as an educational institution in the teaching-learning process, especially for students in the literacy phase.*

**Key Words**

*Literacy; Post-pandemic; Pedagogical strategies; Teacher mediation; Family.*

### 1 INTRODUÇÃO

Esse estudo é sobre a alfabetização no período da pandemia<sup>1</sup> que se alastrou em 2020, a nível mundial, impactando a sociedade brasileira até hoje. Conforme declarado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2020), com a finalidade de redução de contágio, foi orientada a paralisação das aulas presenciais em escolas e universidades, afetando mais de 90% do público estudantil global, quase 1,6 bilhão de estudantes em mais de 190 países, definida como a maior interrupção da aprendizagem da história.

No Brasil, depois da suspensão das aulas, foi divulgado pelo Ministério da Educação (MEC) parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 5, aprovado em 28 de abril de 2020, que definiu a Reorganização do Calendário Escolar e a possibilidade de cômputo de

<sup>1</sup> Período que compreendeu os anos de 2020 a 2022, e no qual a saúde da população mundial se viu comprometida pela propagação à nível global, no que ficou conhecido como a pandemia da COVID-19, da doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2.



atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão do cenário pandêmico, propondo o que ficou chamado de ensino emergencial remoto (BRASIL, 2020).

Com isso, a ideia norteadora desse trabalho foi a de identificar em que medida o distanciamento presencial do ambiente escolar na pandemia interferiu no processo de desenvolvimento da alfabetização dos alunos, principalmente daqueles no 3º ano escolar em 2022, fase prevista para o fim do ciclo de alfabetização. Tais alunos estavam no 1º ano exatamente em 2020 quando a pandemia se alastrou, e em 2022, quando este trabalho então se realizou, foi, para muitos, o primeiro momento em que foram regular e presencialmente para a escola. Antes disso, muitos deles ficaram sem a mediação de um professor, sem alguém com qualificação para mediar os estudos em casa, tampouco para auxiliar ou orientá-los (MAINARDES, 2021).

Mesmo no caso das aulas remota os alunos tiveram acesso à um formato muito diferente daquela então desenvolvida presencialmente nas escolas, já que as aulas não eram rotineiras, e sim alternadas, como eu mesma consegui vivenciar diretamente em estágios na graduação, no período de 2022, com o retorno das atividades presenciais. Outrossim, mais do que nunca, eles passaram a ficar mais tempos em frente à tela de um eletrônico, para quem teve acesso a aulas remotas ou entretenimento. Em fato, se pode dizer que era um espaço e tempo nos quais a socialização se dava completamente diferente, sem contatos físicos, e com diferentes ou poucas formas de interação real (RIOS, 2021).

Ressalta-se o importante espaço de ensino-aprendizagem que se compreende ser a escola, pois é nela que passamos, a maior parte do dia, por um longo tempo de vida, construindo-nos como ser humano social. Assim, deve-se considerar os impactos do tempo em que o espaço escolar ficou fora do alcance aos alunos no contexto pandêmico, além da questão da falta de mediação pedagógica.

Considera-se que alfabetizar é um processo muito complexo, e não quer dizer apenas dominar o sistema alfabético e numérico, como diz Soares (2020). A alfabetização é um processo importante da vida da criança, não por menos foi instituído como um ciclo, que demanda atenção, tempo e qualidade necessários para se efetivar, a partir de 2006 (BRASIL, 2006). Dessa forma, alunos do 3º ano do Ensino Fundamental em 2022, foram uns dos que



mais sofreram com desafios e dificuldades em seu processo de aprendizagem no período da pandemia, exigindo estratégias pedagógicas que os enfrentem.

Portanto, o tema da pesquisa foi delineado em: A alfabetização no 3º ano do Ensino Fundamental: uma análise sobre desafios enfrentados pela família e estratégias pedagógicas pós-pandemia. O objetivo geral se voltou a identificar desafios encontrados pela família e estratégias pedagógicas no processo de alfabetização pós pandemia, no 3º ano do Ensino Fundamental. Para dar conta desse objetivo o trabalho se desdobrou em três pontos. Primeiro apresenta-se o cenário pandêmico e pós pandêmico em relação a desafios e estratégias na alfabetização de alunos do 3º ano no ano de 2022. Após isso, apresentam-se os dados levantados na pesquisa, por meio da aplicação de questionários com a família de alunos de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública de ensino de Cascavel-PR, sobre a alfabetização e desafios enfrentados durante e após a pandemia, e, em seguida, as estratégias pedagógicas pós-pandemia, refletindo-se sobre a importância da mediação do professor e da escola no processo de ensino e aprendizagem, especialmente, na fase de alfabetização.

Ao identificar e refletir sobre os desafios enfrentados pelas famílias de alunos, especialmente, no final do processo da alfabetização, acarretados pela pandemia e estratégias pedagógicas decorrentes desse contexto, analisam-se os impactos da falta da escola presencial e da mediação de um professor, como espaços de socialização e de efetivação do processo de ensino e aprendizagem. Reconhece-se a importância deles, e a necessidade de desenvolvimento de estratégias pedagógicas por parte das escolas, para que efetivem a função social da escola e possibilidades de mediação pelo professor, e para o processo de alfabetização se concretizar, sobretudo, no contexto pós-pandemia, depois de uma pandemia, que não oportunizou um processo de ensino-aprendizagem escolar com mediação pedagógica a muitos alunos.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e exploratório na coleta dos dados. A pesquisa qualitativa, de acordo com Gil (2002), tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vista à formulação de problemas para compreender um fenômeno ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores



A presente pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal da rede de ensino de Cascavel-PR, localizada na região oeste da cidade, com as famílias de alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, no ano de 2022.

A escola pesquisada possuía em 2022 4 turmas de 3º anos, 2 no período matutino e outras 2 no período vespertino. A pesquisa foi em uma turma do período vespertino, com aproximadamente 24 alunos matriculados. A turma contava com 1 professora regente, e outras 2 professoras, 1 de hora atividade e 1 de Educação Física e Artes.

A coleta de dados se realizou através de um questionário entregue na escola. O questionário foi entregue no final do ano de 2022, para a coordenadora da escola, a qual fez a distribuição às famílias dos alunos da turma pesquisada. Para a aplicação do questionário houve a autorização pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Cascavel/PR.

As questões apresentadas no questionário para a família foram 8, e buscaram retratar os desafios enfrentados pelas famílias durante e pós pandemia quanto ao processo de alfabetização de seus filhos, e se haviam medidas pedagógicas sendo adotadas para suprir tais desafios.

Para a fase de análise dos dados, nesse tipo de pesquisa, a representação dos dados se dá através de técnicas analíticas, cujo tratamento objetivo dos resultados dinamiza o processo de relação entre variáveis (MARCONI; LAKATOS, 2009). As categorias analíticas para este estudo foram delimitadas a partir dos objetivos específicos e, desdobradas nas questões dos questionários, em dois pontos, quais sejam: os desafios enfrentados pela família; as estratégias pedagógicas pós pandemia, a importância da mediação do professor no processo de ensino aprendizagem, principalmente no período de alfabetização escolar.

### **3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA E APÓS ELA: PENSANDO DESAFIOS E ESTRATÉGIAS**

O isolamento ocasionado pela pandemia implicou, devido ao seu distanciamento social do ambiente escolar, a função social da escola e no papel da mediação pedagógica para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, de acordo com as fundamentações das relações sociais entre indivíduo e mundo exterior enquanto processo da teoria histórica e social (OLIVEIRA, 2007).



A escola desempenha papel de ser um espaço privilegiado. Ela “[...] tem por principal tarefa na nossa sociedade a democratização dos conhecimentos, garantindo uma cultura de base para todas as crianças e jovens” (LIBÂNEO, 1996, p. 127), e por isso deve se comprometer com tal processo.

Conforme Libâneo (2006), diz:

O aluno aprende na escola quando os outros, inclusive a professora e o próprio contexto institucional e sociocultural, o ajudam a desenvolver suas capacidades mentais, com base nos conhecimentos, habilidades, modo de viver, já existentes na ciência e na cultura historicamente acumulada. Isso não é, de alguma forma espontâneo, nem depende somente do ritmo de aprendizagem de cada aluno. Depende de uma estrutura organizacional forte, de atuação da escola e dos professores como adultos que realizam a mediação cultural; depende de que suscitem nos alunos o desejo de aprender, de serem melhores pessoas, de compreender melhor as coisas (p. 92).

Sendo assim, o processo de aprendizagem não se dá de forma espontânea, haja vista que sempre requer a mediação de um adulto ou professor, no local onde a criança está inserida. Ao se falar no caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, é necessário que o professor possibilite o aluno conhecer o mundo social e natural, a tecnologia, a arte, a cultura e os valores sociais presentes em sua realidade. E para que isso seja possível, é fundamental a percepção de mundo do educando, sua realidade, contexto, suas vivências do dia a dia.

A educação é um direito social, e dever do Estado, nesse caso a escola, e da família, conforme normatizou a Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu Artigo 205. Ambos, escola e família devem interagir e colaborar para garantir os direitos da criança nas questões referentes ao ensino, dando-lhes suporte e apoio pleno para o seu processo de aprendizagem, conforme Libâneo, Oliveira e Toschi (2007, p. 304) afirmam: “[...] a escola como um todo que deve responsabilizar-se pela aprendizagem dos alunos”, o que indica a importância da colaboração dos pais na história no projeto escolar, o auxílio às famílias no exercício de seu papel na educação, no desenvolvimento e no sucesso profissional de seus filhos e, concomitante, na transformação da sociedade (POLÔNIA, DESSEN, 2005). Entretanto, deve-se considerar que é da escola o papel pedagógico, de organizar o processo de ensino e aprendizagem, e é nela que há profissionais preparados para isso. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996) assinala que, para cumprir o papel da educação como direito social e garantir que o processo de ensino-aprendizagem se efetive a escola é *locus*



cabal, e há papéis a serem desempenhados por ela, pelos professores, pela rede de ensino, pelo governo federal, e também pelos pais.

Na pandemia, entretanto, os alunos ficaram isoladas de um dos principais ambientes para sua formação humana e social: a escola. O confinamento decorrente da pandemia fez com que mudasse completamente a rotina de vida de todos, inclusive daqueles em fase de alfabetização, seja crianças sejam jovens, que passaram a ficar mais tempo sozinhos sem interações com outras pessoas, inclusive, de certo modo, com diminuição de interação social, em brincadeiras e diversão ao ar livre, até mesmo porque não podiam. Dado isso, crianças, jovens e, ou adultos passaram a, em alguns casos, usar mais as tecnologias, ficar mais sozinhas e isoladas, com a convivência apenas de familiares, até mesmo na educação que tiveram acesso nesse período.

Precisa-se, então, problematizar a transformação da escola, com a promoção do ensino remoto, ou à distância, com um modelo sem contato social, individualista e até monótono cada vez mais presente na vida de muitas crianças, jovens e adultos, e que no caso da escola refletiu em falta de mediação pedagógica no processo educacional, como de alunos do 3º ano em processo de alfabetização.

Para Vygotsky (2007), no que tange ao processo de alfabetização, como parte do processo de ensino e aprendizagem, é conhecendo o nível de desenvolvimento cognitivo e linguístico já alcançado pela criança e partindo dele, que o professor tem o papel de orientá-la para que avance em direção a níveis novos que ela já tem possibilidade de alcançar. Assim, ao se falar da alfabetização especificamente, por exemplo, se ela não consegue distinguir o que é uma letra e o que é um número em um quadro contendo um cabeçalho com o local e a data, é denominado de nível de desenvolvimento real, e se a criança já sabe distinguir e transcrever o mesmo cabeçalho em seu caderno, é denominado de nível de desenvolvimento potencial. O caminho percorrido de um nível a outro, do nível real (aquilo que se faz sozinho) ao potencial (aquilo que se faz com o auxílio de alguém/adulto), é chamado de Zona Iminente, e manifesta o processo de mediação do professor para a concretização deste processo. A concepção de mediação pedagógica é defendida por Vygotsky e traduz o papel de mediador pedagógico desempenhado pelo professor quando explica, dá informações, questiona, corrige o aluno e busca com que ele se aproprie de conhecimentos.



Por isso, cabe se considerar os impactos da transformação, fruto do período pandêmico, e no qual os alunos ficaram sem a mediação do professor, sem acesso à escola historicamente presencial, para desenvolver seu processo de alfabetização. Em que pese de a distância física ter sido essencial na pandemia, e o fato de que alguns alunos foram ajudados pelos pais/responsáveis, que eram com quem estavam em convívio neste período, houve aqueles que não tiveram sequer esse auxílio por parte dos pais/responsáveis, por inúmeras razões.

A Lei nº 11. 274 (BRASIL, 2006) buscou assegurar um tempo mais longo de aprendizado escolar, com a criação do Ensino Fundamental de 9 anos, para uma educação de melhor qualidade, a partir da proposta da implantação do Ensino Fundamental de nove anos que pretendeu que aos 6 anos de idade a criança entre no 1º ano do Ensino Fundamental I e termine a primeira etapa denominada de Educação Básica aos quatorze anos, passando por um ciclo de alfabetização nos 03 primeiros anos, organizado de forma a que neles a criança tenha uma atenção especial, com tempo para amadurecimento de seu letramento e alfabetização.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Básica em seu Art. 30 apontam para que:

Art. 30. Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar:

I - a alfabetização e o letramento;

II - o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, da Ciência, da História e da Geografia;

III - a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro (BRASIL, 2010).

Certamente, que para isso, é preciso se pensar em ações para efetivar essa proposta, como formação de professores, revisão dos currículos e das práticas pedagógicas escolares e docentes, além de condições efetivas para os alunos estarem na escola, pois não basta que professores ensinem bem, o aluno também precisa estar na escola, bem e apto para aprender.

O processo de aquisição da escrita e da leitura são elementos essenciais que se desdobram em diversos e complexos conhecimentos. Este estudo busca destacar o quanto a



alfabetização é um processo imprescindível no contexto educativo. Ela é um processo complexo, para o qual a mediação pedagógica é, mais do que nunca, fundamental.

Soares (2004), ao referir-se à alfabetização, considera que a aprendizagem inicial da língua exige “[...] múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático-particularmente a alfabetização, em suas diferentes facetas – outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças” (p. 16). Para além disso, a autora defende a alfabetização e letramento em uma perspectiva de alfalettrar, considerando que eles se dão por processos cognitivos e linguísticos distintos, com uma natureza essencialmente diferente, porém, são processos simultâneos e interdependentes. Sendo assim, é pela interação entre o desenvolvimento de processos cognitivos e linguísticos e aprendizagem proporcionada de forma sistemática e explícita mediada pelo contexto escolar que a criança vai gradualmente compreendendo o sistema de representação de sons, letras, números e se apropriando do sistema alfabético. Segundo Soares (2020), o letramento, por sua vez, é a capacidade de uso da escrita para inserir-se em práticas sociais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades, tais como a capacidade de ler, escrever e compreender para atingir diferentes objetivos.

Não obstante, vale dizer que mais recentemente avançou a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em meados de 2014 e homologada pelo MEC em sua versão final, como norma nacional, em 2017 e após isso, as redes de ensino passaram a se orientar por essa normativa. A BNCC (BRASIL, 2017), definiu que a alfabetização deva ocorrer até o 2º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental do aprender a ler e escrever. Conforme a BNCC (2017) “[...] embora, desde que nasce e na Educação Infantil, a criança esteja cercada e participe de diferentes práticas letradas, é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize”.

Em 2020, instaura-se, a nível mundial, a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional uma pandemia, sem precedentes, que alterou a forma escolar, e o processo de ensinar e aprender, sobretudo, no processo de alfabetização. A criação do ensino remoto emergencial por parte do governo federal foi uma mudança repentina nos modos de se enfrentar a crise sanitária naquele momento. Porém, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), uma a cada cinco pessoas não tem acesso à internet no



Brasil, o que refletiu diretamente nos professores e alunos, em relação ao processo educacional à distância.

De acordo com Rios (2021), pesquisas realizadas pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), e pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), durante o período pandêmico, mostraram que em 2020, 60% das redes municipais adotaram o ensino remoto, a maioria utilizando entregas de materiais impressos como parte das estratégias. Ou seja, não houve quase aulas remotas e mediação direta com um professor. Segundo este autor,

Conforme dados apresentados pela Undime e pelo Consed (2020), 28,5% das redes municipais apontam que os principais problemas da implantação de ensino remoto são as indefinições sobre normativas em tempos de pandemia, seguidos de dificuldades dos (as) professores (as) com o uso de tecnologias e falta de equipamentos por parte de docentes e estudantes. Assim, as narrativas institucionais regulatórias implementaram uma proposta educacional que não visibiliza, em seus enredos, o cenário de vulnerabilidade social das escolas e de seus sujeitos no desenvolvimento do ensino remoto emergencial (RIOS, 2021, p. 194).

Por isso, inquietou a proposta de analisar desafios enfrentados pelos pais/responsáveis, professores e escola no processo da criança em alfabetização, já que a mediação e presença de um professor tornou-se ausente e, ou diferenciada, como diz Mainardes:

a pandemia atingiu todos os estudantes, sem distinção, porém de forma mais intensa os alunos em fase de alfabetização, sejam crianças, jovens ou adultos. O fato de ainda não terem autonomia para leitura e escrita traz limitações grandes e o processo de alfabetização requer mediação intensa e apropriada (MAINARDES, 2021, p. 58).

Sendo assim, alunos do 3º ano do ensino fundamental em 2022, até então, não haviam frequentado de forma regular os primeiros dois anos de alfabetização e não puderam contar com uma mediação intensa e apropriada. Se o biênio da pandemia implicou em diversos desafios pela falta de escola e dos professores enquanto mediadores, o maior desafio tem sido desenvolver estratégias pós-pandemia para suprir necessidades na aprendizagem dos alunos.

Concorda-se que,

É evidente que práticas pedagógicas que evidenciem estratégias metodológicas eficazes são ainda mais urgentes para garantir a construção de conhecimentos relativos à alfabetização na idade certa. Entretanto, o cenário educacional contemporâneo encontra grandes obstáculos para



assegurar estes direitos reservados aos educandos. O distanciamento do professor-alfabetizador, faz com que a aprendizagem de muitas crianças se encontre “em xeque”, pois a presença pedagógica do educador qualificado, a partir dos diagnósticos e intervenções constantes, garante as estratégias necessárias ao desenvolvimento alfabético (QUEIROZ, 2021, p. 7).

De tal modo, esta pesquisa levantou como questões investigativas: Houve impactos na aprendizagem dos alunos em fase de alfabetização decorrentes da pandemia? Quais os maiores percalços que as famílias enfrentaram e ainda têm enfrentado ao viverem essa situação? Como a escola percebe, e enfrentou/enfrenta os desafios impostos pela pandemia? No pós-pandemia, especialmente, para alunos do 3º ano dos anos iniciais, há estratégias que a escola e os professores têm utilizado para garantir a alfabetização de todos os alunos? Quais são elas?

#### **4 DESAFIOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA E APÓS ELA: O QUE DISSE A FAMÍLIA?**

Os questionários foram aplicados, no final do ano letivo de 2022, em uma escola da Rede de Ensino do Município de Cascavel/PR, localizada em um bairro da região oeste da cidade, onde a comunidade escolar é considerada participativa dos acontecimentos da instituição. Foram obtidas 12 respostas dos pais/responsáveis, do total de 20 questionários distribuídos.

Quanto às respostas, importa dizer que nem sempre houve apenas uma resposta a uma mesma pergunta, tanto nas respostas abertas como nas fechadas.

A questão 1 perguntou: No período da pandemia, houve desafios no processo de aprendizagem do aluno o qual você é responsável, diante do modelo educacional remoto/domiciliar? Quais foram os maiores desafios encontrados? A resposta para essa pergunta foi aberta para os pais poderem relatar desafios que enfrentaram diante do cenário pandêmico na alfabetização do aluno com o qual estiveram envolvidos no ano de 2020 e 2021.

Nas respostas obtidas, a maior dificuldade, segundo 10 dos questionários respondidos, foi a de ensinar a criança a ler e escrever, todo o processo silábico inicial nesta fase; assim como estabelecer uma rotina de estudo no ambiente familiar, pois os alunos têm em mente, de modo geral, que lugar de estudar é na escola, e não só em casa, fazendo com que houvesse



falta de atenção, até mesmo nas aulas remotas e desinteresse pelo aluno em estudar apenas em casa. 9 respostas relataram o desafio da falta de conhecimento pedagógico para prender a atenção da criança e fazer com que a criança se apropriasse dos conteúdos sugeridos nas atividades. A falta de tempo, relatada em 2 respostas, também foi outro empecilho na alfabetização da criança nesse período, pois muitos dos adultos não pararam de trabalhar, alguns, ao invés disso, tiveram que trabalhar mais ainda para suprir os gastos mensais da casa no cenário de crise econômica daquele período no Brasil.

A questão 2 queria saber: Ainda no período da pandemia (período sem frequentar a escola presencial e regularmente, apenas com aulas remotas/domiciliares) houve acompanhamento do processo de aprendizagem do aluno que você é responsável? ( ) Sim, houve acompanhamento por parte da escola, com aulas remotas, envios de materiais pelo professor, juntamente com o acompanhamento da família; ( ) Sim, apenas pela escola (Ensino Remoto Emergencial, envio de materiais, entre outros); ( ) Sim, mas não pela escola; e ( ) Não, não houve acompanhamento nenhuma das partes (escola e família).

Das respostas à questão 2, 10 respostas, dos 12 questionários respondidos, disseram que houve o acompanhamento por parte da escola, com aulas remotas, envios de materiais pelo professor, juntamente com o acompanhamento da família. Enquanto isso, 2 respostas, relataram que houve acompanhamento, mas partindo da escola, somente, em análise dos questionários notou-se que nessas 2 respostas, são as pertencentes as famílias que relataram que tiveram que trabalhar o dobro para suprir as despesas da família, o que se interpreta que a falta de tempo, realmente foi um desafio no processo de alfabetização estudantil.

A escola pesquisada, conforme se coletou em conversa inicial com a coordenadora pedagógica da escola quando na ocasião para a distribuição dos questionários de pesquisa, conta com pais participativos e bastante preocupados com a escolarização dos filhos, sendo que, a maioria deles possui a escolaridade do ensino médio completo. Muitos são trabalhadores, o que gerou dificuldades, em alguns momentos, para o acompanhamento no período da pandemia, pois por muitos foi necessário trabalhar o dobro para suprir as necessidades da família.

Essas análises vão ao encontro do que diz Mainardes (2021):

Creio que para as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental (6 anos de idade) e crianças ainda não alfabetizadas, o impacto foi muito mais forte e intenso. Para aqueles alunos que já leem e escrevem, pode ser mais fácil



assistir aulas online, pela TV ou realizar tarefas impressas. E as crianças que se encontram na fase inicial? Sabe-se nem todas as crianças contam com apoio em casa e que muitas crianças só tiveram acesso a atividades impressas. A pandemia acabou por agudizar as desigualdades educacionais e dificultar a aprendizagem de muitas crianças. Para muitas crianças, a experiência da pandemia poderá deixar marcas profundas (p. 61-62).

Já a questão 3 buscou identificar: Se houve acompanhamento do aluno no período da pandemia, não só pela escola quem fazia esse papel de mediar/acompanhá-lo no seu processo de aprendizagem? ( ) Pai/Mãe, Irmão/Irmã, Avô/Avó. Informe quem; ( ) Babá; ( ) Acompanhamento Extradomiciliar (terceirizado – exemplos: aulas extras com profissionais, Kumon, entre outros); e ( ) Outro (a) (informe quem/oque)?

Todas as respostas se remeteram a alguém da família, sobretudo, a mãe (11 respostas) como quem mais desempenhou esse papel, depois o pai (5 respostas), irmã e tia (em uma resposta). Diante desses dados é possível constatar uma situação muito difícil, pois devido à escola ser uma escola de localidade periférica, e os familiares terem que trabalhar para garantir o sustento da família, os alunos não tiveram acompanhamento de outra figura que não sua família. E, pelas condições socioeconômicas das famílias é inviável, quase sempre, a possibilidade de contratar um serviço terceirizado para assumir esse processo com a criança, ficando assim, de inteira responsabilidade da família. Destaca-se também a presença, principalmente, feminina e materna como a pessoa incumbida de assumir tal função, a partir de uma visão tradicional e machista, como alguém vocacionada para isso, com mais paciência, mesmo quando ela trabalha fora e ajuda no sustento da casa, e assume função dupla de mãe e trabalhadora.

A questão 4 a 6 se remeteram ao período pós-pandemia, já com o retorno das aulas regulares. A questão 4 queria saber: Atualmente em 2022, com o retorno das aulas regulares, a criança, conhece e identifica as letras do alfabeto e números? ( ) Sim; ( ) Não; ( ) Mais ou menos; ( ) Apenas o alfabeto; ( ) Apenas os números; e ( ) Não sei. Todos os 12 questionários, apontaram que sim, as crianças já realizam a identificação de letras e números.

Igualmente, na questão 5: Ela (criança) já escreve seu nome completo, sem auxílio? ( ) Sim; ( ) Não; ( ) Mais ou menos; e ( ) Não sei, todos os questionários responderam que o aluno já escrevia seu nome completo, sem o auxílio de alguém.

Por sua vez, na questão 6: Ela já domina a leitura? ( ) Sim; ( ) Não; ( ) Mais ou menos; e ( ) Não sei, em relação ao domínio da leitura as respostas foram um pouco diferente. 10



respostas, relataram que aluno já dominava a leitura, mas 2 respostas marcaram que o domínio da leitura era mais ou menos, ou seja, explicitando que ainda se estava em fase de alfabetização.

Entende-se, com essas respostas, que, por mais que houve o auxílio da família no período da pandemia, o retorno às aulas presenciais e regulares na escola e a mediação mais contínua do professor não bastaram.

É preciso se pensar no tempo que se leva, nos meios em que se realiza o processo de ensino, e o próprio desenvolvimento da aprendizagem da criança que possui seu tempo, de forma gradual, que nem sempre é regular, e envolve outras questões próprias do aluno em si, como culturais, familiares, sociais e econômicas. Observa-se a necessidade de que se organizem estratégias pedagógicas contínuas, sobretudo, no próximo ano, para que se reforce, retome, com a individualidade que carece, a leitura, com esses alunos em finalização do 3º ano sem dominá-la. Conforme Soares (2020), o processo de alfabetização não se dá de forma espontânea, ele sempre depende da mediação de um adulto ou professor. É um processo de natureza complexa, com suas facetas psicológicas, psicolinguísticas, sociolinguísticas e linguística, as quais é sempre preciso acrescentar fatores sociais, econômicos, culturais e políticos que as condicionem.

Diante das respostas encontradas, sobre como se desenvolveu o processo de alfabetização da criança durante e pós-pandemia, reconhece-se que o processo de alfabetização de uma criança não é fácil, requer métodos qualificados, e por cima de tudo, tempo, é um processo que se dá de forma gradativa, pedagogicamente tratado e organizado. Conforme Mainardes (2021), a sala de aula é um espaço de interação, troca, ajuda mútua. A alfabetização demanda um processo sistemático, intencional e planejado e a escola é o espaço social encarregado dessa função. Assim como, o ensino presencial, a escola, a interação



professor-alunos, nunca foi tão valorizada pela sociedade, como no período da pandemia e seus impactos.

## 5 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PÓS PANDEMIA: A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

147

As questões 7 e 8 do questionário com as famílias focar em identificar estratégias adotadas pós-pandemia, tanto pela família quanto pela escola, para auxiliar os alunos em sua alfabetização, suprindo, assim, lacunas da pandemia.

Em relação à questão 7: Atualmente, alguém acompanha as atividades escolares desta criança? ( ) Pai/Mãe/Irmão/Irmã. Informe quem\_; ( ) Babá; ( ) Reforço escolar (realizado pela instituição de ensino no qual está matriculado); ( ) Acompanhamento Extradomiciliar (terceirizado – exemplos: aulas extras com profissionais, Kumon, entre outros); e ( ) Outro (informe quem/oque), foi informado que, quem auxilia as crianças entre Pai/Mãe, Irmão/Irmã, as mães foram as que mais apareceram, com 11 vezes, só em exceção de 1 resposta, que foi dito que a criança é auxiliada pela madrasta. Depois apareceram os pais, em 5 dos questionários, e apenas 1 vez apareceu tia e irmã, como auxiliares da criança nas realizações das atividades escolares. Isso, novamente, deixa claro a figura feminina, mãe, madrasta, tia e irmã, evidenciando uma questão cultural que atrela a mulher a tal função, que implica em questões sérias a serem consideradas face à questão econômica de exigência de trabalhar para ajudar no sustento da casa que a mulher e todos os membros de uma família enfrentam, sobretudo, no Brasil no contexto de crise sanitária e fiscal na pandemia.

Fica patente a partir disso o papel da escola como espaço de educação e de mediação pedagógica. Evidencia-se que, mesmo em casos de alunos com desafios e lacunas em sua alfabetização ou processo de aprendizagem escolar, não existem opções fora de pessoas da família que podem assumir o papel da escola nem do professor. Pelas falas das famílias é realizado um papel de acompanhamento da criança no processo de aprendizagem como estratégia pedagógica possível de sua parte. Porém, muitos relataram que não possuem conhecimento científico/pedagógico, tampouco paciência e jeito, para o papel de mediador, como o professor realiza em sala de aula.

A questão 8, por fim, questionou: Existe alguma medida pedagógica que tem sido desenvolvida para superar os desafios/dificuldades no processo de aprendizagem do aluno,



resultantes da pandemia, pela escola? (Exemplos: Dentro da sala de aula a professora tem desenvolvido algumas ações para acompanhamento dos alunos com dificuldades, mais individualizados. Ou a própria escola tem desenvolvido algo semelhante; Envio de atividades extras, com acompanhamentos mais individualizados, tanto pela professora quanto pela escola). ( ) Não sei; ( ) Não; e ( ) Sim, qual?

148

Na análise das respostas, 1 resposta relatou que não foi desenvolvida nenhuma medida pedagógica pela escola para atender aos alunos do 3º ano. Outras 6 das respostas disseram que não sabiam se a escola desenvolvia algo. 1 dessas respostas relatou que não sabia, devido a seu filho ir muito bem, o que parece ser o mesmo motivo das demais respostas que falaram o mesmo sobre esse ponto. Ainda que elas não tenham deixado claro isso, pode-se, de certa forma concluir, que o motivo pelo qual não disseram não saber é porque o aluno estava se desenvolvendo bem, dominando a leitura e a escrita, e não necessitando de qualquer apoio ou programa realizado pela escola como medida pedagógica.

Em 3 respostas foi relatado que houve auxílio pedagógico partindo da professora em sala de aula, com mais atenção àqueles que necessitavam, encaminhamento de tarefas para casa, caderno de leitura e de tabuada para os alunos. Tal atendimento individualizado é uma atividade muito importante em ser parte do trabalho pedagógico cotidiano, e pode ser uma estratégia pertinente em ser adotada para suprir lacunas e afinidades dos alunos de forma mais efetiva.

Contanto, vê-se que nem sempre esse acompanhamento individualizado é possível na realidade, devido a fatores como salas de aulas lotadas, grande número de alunos, cobranças para cumprir os conteúdos previstos, o que impede uma mediação mais individualizada, sobretudo, face a somente um professor para suprir a demanda de alunos que precisam de sua atenção em turma numerosa.

Outras 2 respostas, ainda na questão 8, indicaram que as crianças estavam frequentando o reforço escolar. Pode-se identificar que a reorganização do reforço escolar foi uma medida proposta pela Rede Municipal de Educação de Cascavel, justificada pelo fato de, além de suprir as demandas causadas pela pandemia, ser observado que, a maioria das crianças, que precisariam frequentá-lo não podiam estar presentes em turno inverso, por



diversos motivos, como financeiros, particulares, ou até mesmo residirem em locais longe da escola, dificultando a questão de transporte, que fica a cargo da família.

Percebe-se que para não sobrecarregar o trabalho docente dentro de sala de aula, o reforço escolar se apresentou como estratégia para dar conta da alta demanda de crianças que ainda estavam com dificuldades no processo de alfabetização.

Conforme documento da Secretaria Municipal de Educação (SEMED, 2022), sua reformulação se deu devido a sua prática ocorrer no turno regular de matrícula dos alunos, o qual visa ações para desenvolver a aprendizagem de alunos com dificuldades, principalmente no que se refere à apropriação da escrita alfabética e numérica. Assim, a prática de reforço é apresentada pelo documento que a orienta, tendo a proposta de acontecer em grupos menores, de no máximo 8 alunos de cada turma, em uma sala recursal, no turno regular de matrícula do aluno (e não no contraturno como a proposta já existente), com o objetivo de suprir necessidades de aprendizagem mais específicas de cada aluno. Esta concepção, o professor do reforço escolar precisa direcionar estratégias para atender os alunos em suas particularidades, sendo que seu planejamento necessita ser construído a partir de observações dadas pelo professor do ensino regular e do diagnóstico realizado pelo professor de reforço. Desta forma, o documento da proposta do reforço aborda a relação que precisa existir entre a equipe pedagógica - professor regular, professor do reforço e Coordenação Pedagógica - atuando juntos e desenvolvendo instrumentos para diagnósticos e, a partir disso, estratégias pedagógicas. Para tal, a proposta da Rede Municipal de Ensino de Cascavel diz que vai garantir a formação continuada dos professores para que realizem tal trabalho com qualidade.

Observa-se que a proposta de reforço propõe uma atenção mais específica de forma individual a alguns alunos, dentro do turno de aula, tornando mais fácil a um professor específico dar conta da demanda de alunos com necessidade de acompanhamento mais individualizado. O professor do reforço é que deve desenvolver estratégias para atender as especificidades dos alunos que frequentam esse espaço. É importante considerar a forma de trabalho que tal proposta promove ao professor que atua nela, pois pode tender para repassar a esse profissional a sobrecarga de funções as quais o professor regente de uma mesma turma não consegue dar conta, uma vez que ele passa a assumir o papel de recuperar vários alunos,



de vários anos escolares, com lacunas específicas, e nisso dificultar em que essas atividades aconteçam com qualidade.

Não restam dúvidas que é preciso considerar a importância de atenção mais individualizada ao aluno, porém, não se pode esquecer que isso deve ser considerado em articulação das condições de trabalho docente e da própria condição da escola, pois se não pode virar em autor responsabilização só de uma parte: a escola e professores. Por outro lado, como, inclusive, viu-se através dessa pesquisa que aconteceu no caso da pandemia, não se pode responsabilizar a família e o aluno, os quais não possuem nenhuma qualificação pedagógica, e nem podem assumir o papel que é da escola e do professor.

A aprendizagem é um processo complexo, que se concretiza na relação entre alguém que ensina, e outro que aprende. É preciso pensar nestes dois polos, inseparavelmente, sem supervalorizar um em detrimento do outro, e vice-versa. Os alunos precisam estar aptos a aprender, em condições para que o processo de aprendizagem se efetive, na mesma medida em que os professores e a escola precisam estar qualificados, com condições adequadas para realizar suas funções educativas.

A mediação é fundamental ao processo de aprendizagem, aqui na especificidade da alfabetização. É ela que irá conduzir o aluno ao aprendizado por intermédio de um profissional formado e qualificado para tal. A alfabetização não é a aprendizagem de alguns códigos apenas, mas a aprendizagem de um sistema de representação, em que signos – grafemas, representam, não codificam, os sons da fala (os fonemas). Não obstante, defende-se a estreita relação da alfabetização com o processo de letramento, essencial para a educação em sua completude.

A mediação só é possível por meio do estímulo à interação social da criança, nesse caso através da escola como instituição social. Além de aprender por si mesma, o aluno aprende com os outros a sua volta, de acordo com os espaços a que tem acesso. Como compreende Vygotsky (1991), a mediação é um processo cultural da aprendizagem, no qual se estabelece uma ligação do signo, da atividade e da consciência, que interagem socialmente.

A escola é um espaço social essencial de formação humana, e é o professor que tem o papel de promover a mediação pedagógica para tal processo escolar ser possível, como da alfabetização e do letramento.



De tal maneira, reconhece-se a importância da mediação do professor como imprescindível, pois, é ele o responsável por mediar o processo de ensinar e o aluno aprender. Assim, é necessário reconhecer o papel do professor no processo de mediação pedagógica, fundante à relação de ensinar e aprender, que ele tenha formação pedagógica para tal, com reconhecimento profissional e capacidade didática para organizar o processo educacional de aprendizagem do aluno

Outrossim, no que se refere especialmente à alfabetização, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nota-se o papel da escola e do professor no desenvolvimento já alcançado pela criança e partindo dele, orientá-la para que avance em direção a se desenvolver ainda mais em seu processo de letramento e formação social. A escola tem importância enquanto locus que promove espaços de mediação pedagógica por parte do professor como profissional atuante nela.

## 6 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo geral apresentar desafios enfrentados pela família e estratégias pedagógicas no processo de alfabetização pós pandemia, no 3º ano do Ensino Fundamental. Tal interesse surgiu, no contexto da prática de estágio obrigatório do curso de Pedagogia, e considerando as normativas nacionais declarando que a alfabetização e o letramento devem se desenvolver nos primeiros três anos do Ensino Fundamental. Pois bem, alunos que se encontravam no ano de 2022 no 3º ano do ensino fundamental, estavam, então, em seu último ano de alfabetização. Mas, eles se encontravam na fase que era esperada? Mesmo com os dois anos afastados presencialmente das dependências da escola, com o modelo de ensino remoto, será que esses alunos estavam em fase final do processo alfabetização e letramento no 3º ano Ensino Fundamental? Essas foram algumas das perguntas que subsidiaram a realização dessa pesquisa.

Para tal, fora realizada uma pesquisa qualitativa com a coleta de dados através de um questionário entregue a famílias de alunos de uma turma de 3º ano de uma escola da rede pública de ensino de Cascavel-PR, com questões sobre os desafios enfrentados por elas no período da pandemia e após ela, assim como sobre possíveis estratégias pedagógicas pós-pandemia. A pesquisa foi aplicada em uma turma do 3º ano do ensino fundamental em 2022, e foi realizada ao final do ano de 2022.



Houve um total de 12 questionários respondidos, de uma turma de cerca de 24 alunos. A partir das respostas apresentadas por parte da família se viu nas falas que, de modo geral, as crianças se encontravam em processo de alfabetização, alguns mais avançados outros menos na leitura. Mas, para chegar nesse resultado, o caminho foi desafiador, considerando o distanciamento social requerido pelo período pandêmico, com muito auxílio por parte dos pais nas atividades remotas e à distância, inclusive, assumindo o papel de mediadores pedagógicos, pela falta de contato regular e presencial com um professor e com a escola.

Foram relatados vários empecilhos e dificuldades, como a falta de paciência, preparo pedagógico, e, até mesmo, diante daquele cenário pandêmico de distância social, da própria questão de falta de interesse por parte dos alunos, devido aos alunos, as famílias e a sociedade em geral, terem em mente que lugar de estudar é na escola, e não só em casa, juntamente com a família, como passou a acontecer na pandemia. Isso tudo evidenciou desafios latentes no tocante da garantia da educação, sobretudo, no que tange à atenção que requerer a alfabetização, em tempo e qualidade pedagógica necessários para se concretizar. Sobretudo, ao se considerar o contexto de crise sanitária e econômica enfrentada no Brasil, que requereu mais do que nunca trabalhar para sobreviver, implicando em situação conflituosa, principalmente, para famílias mais pobres, geralmente, aquelas com trabalhos mais precarizados e sem garantias trabalhistas, não poderem eles próprios darem a atenção necessária, tampouco pagar alguém para auxiliar o aluno.

Com relação às estratégias pedagógicas pós-pandemia foi possível perceber a tamanha importância da mediação de um professor para o momento de retorno das aulas presenciais, com um trabalho mais individualizado aos alunos com lacunas e sem seu processo de alfabetização concluído.

O trabalho individualizado, envio de tarefas extras, caderno de tabuada/leitura, apareceram como estratégias utilizadas pela professora regente da turma pesquisa, conforme relatado pelos pais/responsáveis nas respostas dos questionários. Mas se ressaltou como importante, que, infelizmente, esse atendimento individualizado tão necessário ao cotidiano de uma sala de aula, e sobretudo, após a pandemia, nem sempre é possível, e tampouco parece ser alvo de atenção nesse retorno pós pandêmico, face a diversos fatores, como a superlotação das salas em contrapartida de apenas um professor para atender diversos alunos em uma turma cada qual com especificidades, o forte controle às escolas, professores e até



aos alunos para atender aos conteúdos previstos para o ano letivo escolar deixando lacunas anteriores em aberto, além de condições de trabalho docente intensificadas por muitos alunos para atender, seja pelo professor regente seja pelo de reforço, já que este também passa a atender alunos de várias turmas, anos, em diversas áreas de conhecimentos e conteúdos com lacunas.

Assim, viu-se que a proposta do reforço apareceu nas respostas sobre estratégias pedagógicas desenvolvida pela escola. Esta se apresentou como uma estratégia da SEMED para o período pós-pandemia, a fim de suprir lacunas evidenciadas pelos professores na aprendizagem de alguns alunos, com a sua readequação, já que o reforço já é uma proposta em desenvolvimento pela rede, prevendo-a acontecer no turno de aula, no qual o aluno está devidamente matriculado, e não mais no contraturno, como ocorria até então.

Pela análise do documento orientador desta proposta de readequação, viu-se que embora seja uma proposta compreendida como mais adequada, por acontecer no turno de aula que os alunos já frequentam a escola, e que prevê formação continuada aos professores para sua devida compreensão e promoção, não se podem desconsiderar questões que são externas à capacidade pedagógica interna do professor, como as condições de trabalho do professor regente e do professor de reforço, pois diminuir a intensificação do trabalho e responsabilidades do primeiro e as repassar ao segundo não solucionará problemas acerca da aprendizagem dos alunos, pois mantém o processo de cobranças só de uma parte, se esquecendo do papel do Estado, na figura da SEMED ou do governo federal. Responsabilizar internamente os sujeitos envolvidos diretamente no processo educativo, professor e alunos, é uma forma de silenciar questões externas, próprias da falta de políticas educacionais, tal como de políticas sociais, trabalhistas e de vida digna a população.

Esta pesquisa explicitou que é preciso considerar a realidade da escola e do professor, assim como também as condições de vida dos alunos e suas famílias para uma alfabetização efetiva a todos os alunos, com compromisso com a qualidade e função social da escola, ser possível no retorno presencial à escola.

Questões relativas aos alunos e suas famílias não podem ser silenciadas, sobretudo, no contexto social nacional de crise sanitária, econômica, em que a desigualdade se intensificou, e gera reflexões na educação, como, por exemplo, falta de espaço ou tecnologia digital em



casa para estudar, família que precisa trabalhar para sobreviver e com isso ficando sem tempo para acompanhar o aluno em fase escolar de alfabetização etc.

Nas falas das famílias se pode ver como é importante ouvir o seu lado, o que nem sempre acontece. Em suas falas, observou-se que houve, e há, muito interesse por parte delas, exceto em duas respostas, mas em parâmetro geral das respostas, se torna algo bom, um resultado positivo, e significativo em relação ao auxílio no processo de alfabetização do aluno, de fato, a maioria não negam seu papel previsto legalmente. Mas, também, notou-se que identificam que esse processo para ser realizado de maneira adequada não pode ser promovido por qualquer um, pois o processo de alfabetização é complexo e requer denso conhecimento didático.

Diante de tudo o que se apresentou neste estudo, reconhece-se que a mediação pedagógica é ferramenta fundamental no processo de alfabetização. É ele, o professor, que irá conduzir o aluno ao aprendizado. De tal maneira, compreende-se que a mediação por parte do professor é imprescindível. É ele o responsável por mediar o processo ensinar e levar o aluno a aprender. Assim, é necessário reconhecer o papel do professor, em ter formação pedagógica para tal, com qualificação e capacidade didática para organizar o processo educacional de aprendizagem do aluno.

A mediação só é possível por meio do estímulo à interação social dos indivíduos, conforme afirma Vygotsky, para que a criança, além de aprender por si mesma, em consonância com sua fase de desenvolvimento, também aprenda com os outros a sua volta, de acordo com os espaços e mediações a que ela tiver acesso. Por isso, que se entende que a escola é local essencial como espaço de interação social e educacional, e é do professor o papel chave em promover tal estímulo através da mediação pedagógica.

De tal modo, ao pensar em estratégias pedagógicas, como a do reforço, a de um atendimento mais especializado, tarefas de casa, entre outras, no que se refere especialmente à alfabetização, própria dos anos iniciais do ensino fundamental, nota-se o papel desempenhado pela escola e pelo professor, da necessidade de uma mediação pedagógica adequada poder ser oportunizada ao aluno, promovida em uma escola que permita ao professor qualidade em seu fazer, para identificar o desenvolvimento do aluno e partindo dela orientá-lo para que avance em direção a se desenvolver cada vez mais em seu processo educativo.



Compreende-se que a realidade escolar após o período pandêmico explicitou, mais do que nunca, inclusive para aqueles que não reconheciam a importância, o papel que tem o professor, e que não é dispensável tampouco possível de ser realizado por qualquer um sem formação para tal, na mediação do aluno para ele aprender, pelo seu potencial de estimular a interação entre conteúdo e conhecimento, entre aluno e professor, e até entre os alunos em si, e assim, garantir o aprendizado.

Os resultados e análises feitas nessa pesquisa podem servir de base para se pensar o contexto real brasileiro e o que se quer promover daqui em diante em relação ao processo de alfabetização e letramento, sobretudo de alunos, que, de alguma forma, foram afetados pela pandemia. É urgente pensar sobre isso.

É essencial se entender que a aprendizagem do aluno precisa de mediação com qualidade de tempo e tratamento pedagógico, com a escola como locus social educacional. Para aqueles que não puderam ter tais condições na pandemia se faz urgente que isso seja oportunizado, requerendo estratégias dos professores, escolas, e claro, das redes de ensino. Para tanto, valorizar o trabalho docente como mediador pedagógico, a escola como instituição social e a educação com bem social é essencial.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, Distrito Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, Distrito Federal, 1996.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade**. Brasília, Distrito Federal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. Brasília, Distrito Federal, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 21 dez. 2017.



BRASIL, Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº 5/2020, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.**

CASCADEL. **Reforço Escolar.** Cascavel: Secretária Municipal de Educação, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas S; 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. Sistema de ensino, escola, sala de aula: onde se produz a qualidade das aprendizagens? In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs). **Políticas de currículo em múltiplos contextos.** São Paulo: Cortez, 2006. P. 70-125.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MAINARDES, Jefferson. Alfabetização em tempo de pandemia. In: **Políticas e práticas de alfabetização: perspectivas autorais e contextuais.** Rio de Janeiro: VW Editora, 2021, p. 57 – 65.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

POLÔNIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família escola.** Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-312, dez. 2005.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Profissão docente em questão.** Ensino Fundamental em foco: profissionalização e condições de trabalho docente. Salvador: Edulba, 2021.

QUEIROZ, Michele Gomes de; SOUZA, Francisca Genifer Andrade de; PAULA, Genegleisson Queiroz de; **Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. Ensino em Perspectivas,** Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 7, 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

\_\_\_\_\_. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19.** Paris: Unesco, 16 abr. 2020.



VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série).

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. 7 ed. In: COLE, Michael; JOHNSTEINER, Vera; SCRIBNER, Sylvia e SOUBERMAN, Ellen. (orgs). Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## AUTORES

NATHALY GABRIELLY WERMUTH ARTECOFF. Formada em Pedagogia, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus Cascavel/PR. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0001-1829-8912>. E-mail: [nathaly.artecoff@unioeste.br](mailto:nathaly.artecoff@unioeste.br)

SUSANA SCHNEID SCHERER. Dra. em Educação pela Universidade de Pelotas/RS. Professora da Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus Cascavel/PR. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1783-7846> E-mail: [susana.scherer@unioeste.br](mailto:susana.scherer@unioeste.br).